

Dossiê “Faculdade de Formação de Professores: 50 anos formando formadores”

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ambiente de criação de afetos, uma porta de entrada às experiências educacionais comprometidas com a ética, a estética e as ações políticas na educação

TEACHER TRAINING FACULTY: environment for creating affections, a gateway to educational experiences committed to ethics, aesthetics and political actions in education

FACULTAD DE FORMACIÓN DOCENTE: ambiente de creación de afectos, puerta de entrada a experiencias educativas comprometidas con la ética, la estética y la acción política en la educación

Noale Toja 

Joana Nély Marques Bispo 

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relatar experiências formativas vivenciadas na Faculdade de Formação de Professores/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) articulando o período de estudos e pesquisas de duas *professoras-pesquisadoras*, nós que aqui escrevemos. Compartilhar os saberes em meio a formação docente e os desdobramentos atribuídos na perspectiva da metodologia nos/dos/com os cotidianos, pretendemos elucidar acerca do curso de Pedagogia sob a percepção como estudantes e também como atuantes em turmas com ações pedagógicas sendo docentes e pesquisadoras na instituição pública, em prol de uma educação emancipatória, de qualidade e igualitária. Deste modo, as experiências educacionais relatadas estão comprometidas com a ética, a estética, a poética como ações políticas em nossos constantes processos formativos. Temos como nossos personagens conceituais, Alves (2001 e 2002), Certeau (2014), Freire (2022), Bragança (2014), Larrosa (2016) e Maturana (2002).

Palavras-chave: experiências; formação docente; pesquisa.

ABSTRACT

The purpose of this article is to report formative experiences lived at the Faculty of Teacher Training/University of the State of Rio de Janeiro (FFP/UERJ) articulating the period of studies and

research of two research professors, we who write here. Sharing knowledge in the midst of teacher training and the developments attributed from the perspective of the methodology in/of/with everyday life, we intend to elucidate about the Pedagogy course under the perception as students and also as actors in classes with pedagogical actions being teachers and researchers in the public institution, in favor of an emancipatory, quality and egalitarian education. In this way, the reported educational experiences are committed to ethics, aesthetics, poetics as political actions in our constant formative processes. We have as our conceptual characters, Alves (2001 and 2002), Certeau (2014), Freire (2022), Bragança (2014), Larrosa (2016) and Maturana (2002).

Keywords: *experiences; teacher training; research.*

RESUMEN

El objetivo de este artículo es relatar experiencias formativas vividas en la Facultad de Formación de Profesores/Universidad del Estado de Rio de Janeiro (FFP/UERJ) articulando el período de estudios e investigaciones de dos profesores investigadores, los que escribimos aquí. Compartiendo saberes en medio de la formación docente y los desarrollos atribuidos desde la perspectiva de la metodología en/de/con la vida cotidiana, pretendemos dilucidar sobre la carrera de Pedagogía bajo la percepción como estudiantes y también como actores en clases con acciones pedagógicas siendo docentes e investigadores en la institución pública, a favor de una educación emancipatoria, de calidad e igualitaria. De esta forma, las experiencias educativas relatadas se comprometen con la ética, la estética, la poética como acciones políticas en nuestros constantes procesos formativos. Tenemos como personajes conceptuales a Alves (2001 y 2002), Certeau (2014), Freire (2022), Bragança (2014), Larrosa (2016) y Maturana (2002).

Palabras clave: *experiencias; formación docente; investigación.*

Introdução

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”. (Freire, 2022).

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. (Freire, 1999).

As experiências relatadas neste texto se referem aos momentos de duas pessoas, enquanto estudantes, *professoraspesquisadoras*¹ na/da/com a

¹ Por adotarmos a metodologia nos/dos/com os cotidianos definiremos aglutinação de termos ao longo do texto como questão epistemológica. Processo único na perspectiva da autora Nilda Alves (2002) idealista da metodologia nos/dos/com os cotidianos, indicando que perpassa ações implicadas em dois caminhos que se unificam, sendo assim a escrita aglutina os dois termos. Portanto, por escolha metodológica, e sobretudo epistemológica, percebe-se que as dicotomias

Faculdade de Formação de Professores/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Contemporâneas no curso de graduação em Pedagogia com ingresso no ano de 2003, as autoras permearam e permeiam caminhos dentro da instituição com suas pesquisas desenvolvidas à luz das epistemologias e metodologias nos/dos/com os cotidianos, tendo como uma de suas criadoras a professora Nilda Alves (2002).

Imagem 1- Letreiro da FFP



Fonte: arquivo pessoal das *professoraspesquisadoras*. Ano: 2022

É importante declarar que a Faculdade de Formação de Professores localizada no campus São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, vem desde a sua origem dedicando-se à formação docente. A FFP começou a funcionar em setembro de 1973, oferecendo cursos de licenciatura de 1º grau, respectivo ao Ensino Fundamental II no contexto atual, nas áreas de Letras, Ciências e Estudos Sociais. A instituição se chamava Centro de Treinamento de Professores do Estado do Rio de Janeiro (CETRERJ).

realizadas na ciência têm significado de limites ao que precisa compreender o ensino e aprendizado nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Com intuito de sinalizar a junção dos demais conceitos neste texto compreende-se que um conceito se integraliza a outro em meio ao contexto do cotidiano escolar.

Imagem 2- CETRERJ



Fonte: arquivo pessoal das *professoras pesquisadoras*. Ano: 2022

Em julho de 1987, a FFP foi definitivamente incorporada à UERJ. Esta faculdade é o maior pólo especializado em formação de professores no estado do Rio de Janeiro. Seu corpo docente possui profissionais efetivos e contratados, com mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Imagem 3- FFP/UERJ



Fonte: arquivo pessoal das *professoras pesquisadoras*. Ano: 2022

A universidade pública nos possibilitou a conexão com a educação nos cotidianos na perspectiva freiriana, com *aprendizados* significativos, que nos deixaram marcas que atravessam momentos históricos e profissionais em nossas vidas. Fomos estudantes e agora retornamos com práticas pedagógicas mediante ações na formação docente para estudantes do curso de Pedagogia, comprometidas com uma educação emancipatória, de qualidade e igualitária. Atualmente, uma de nós é *professorapesquisadora* (substituta) do corpo docente, ministrando disciplinas a respeito de currículo, cognição e tecnologia; informática; arte e escola; currículo e escola; e orientações de monografia. A outra é *professorapesquisadora* do corpo discente da pós-graduação, onde cursou o mestrado e na atualidade no curso de doutoramento desenvolve a pesquisa em turmas de Pedagogia tendo o intuito de colaborar com a formação de docentes enfatizando os aspectos lúdicos ao lecionar, trazendo as conversas sobre gênero em nossa sociedade e como estas questões interferem na prática pedagógica com crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica.

É sobre essas experiências que queremos compartilhar, como a Faculdade de Formação de Professores trilha caminhos em diferentes bifurcações, criando afetos e ações políticas no campo da educação, sobretudo em locais instituídos como marginalizados, por sua condição precarizada social e economicamente.

“Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”. (Manoel de Barros, 2006).

Pedagogia de afetos

Como nos afetamos ao nos deslocarmos em territórios, ambientes que evidenciam nossa potencialidade intelectual e nossa expressão sensível diante dos gestos de educar. Educar é se colocar em devir formiga quando está em correição; andorinha, que sozinha não faz verão; borboleta que se transmuta na sua experiência e aprendizado de lagarta para se libertar em lindos voos; em devir luz que ilumina e valoriza as sombras a serem descortinadas; em devir alecrim que tempera e sutaliza sabores e saberes; em devir poeira que se movimenta no ar deixando tudo misturado e singular; devir cogumelo que se prolifera com as chuvas e humidades, devir andarilho, que sem medo de ser feliz, na sua inquietação, busca, busca, encontra e busca...

Educar é se colocar em movimento, um devir filosófico, devir de *‘praticantepensante’* - pesquisador/a, movimentos constantes de afetos, afetação de si e do outro, criando um ambiente que desenvolve outras relações

e impactos em comum, já que há afetações em ambos os movimentos, como Deleuze anuncia,

O movimento é uma translação no espaço. Ora, cada vez que há translação de partes no espaço há também mudança qualitativa num todo. [...] Dir-se-ia que o movimento supõe uma diferença de potencial e se propõe a preenchê-la. Se considero partes ou lugares abstratamente, A e B, não compreendo o movimento que vai de um a outro. Mas estou em A, faminto, e em B existe o alimento. Quando atingi A e comi, o que mudou não foi apenas o meu estado, mas o estado do todo compreendia B, A e tudo que havia entre os dois. [...] Se pensarmos em átomos puros, seus movimentos que testemunham uma ação recíproca de todas as partes da matéria exprimem necessariamente modificações, perturbações, mudanças de energia no todo. Nosso erro está em acreditar que o que se move são elementos quaisquer exteriores às qualidades. Mas as próprias qualidades são puras vibrações que mudam ao mesmo tempo que os pretensos elementos se movem (DELEUZE, 1983, p. 8-9).

Assim, percebemos que ao longo da nossa formação como nos afetamos com os gestos de *'aprenderensinar'* na FFP e como a FFP também vem se afetando ao longo de seus 50 anos com as contribuições de *'discentesdocentes'*, com suas inquietações, curiosidades, vontade de ir além, e com sua produção de *'conhecimentossignificações'*.

A formação no curso de Pedagogia está destinada a certificar profissionais para exercer funções de magistério na Educação Infantil, no Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e no Ensino Médio em curso de educação profissional (Curso Normal), além de habilitar para a área de serviços e apoio escolar. O departamento de educação, ao desenvolver uma série de projetos educacionais em parceria com escolas de vários municípios do estado do Rio de Janeiro, promove uma interface permanente entre os conhecimentos da universidade, da escola pública e da comunidade gonçalense. Os cursos de formações em outras áreas de conhecimento como História, Geografia, Letras, Matemática e Biologia, de especialização, de mestrado e doutorado em processos formativos e desigualdades sociais, propõe a aproximação entre a academia, as ciências e os *'saberesfazeres'* cotidianos das comunidades das quais a FFP se insere, pela sua abrangência formativa e territorial, bem como interferir em políticas públicas nas regiões de onde vem seus *'discentesdocentespesquisadores'*.

Durante o período de estudos na licenciatura em Pedagogia tivemos acesso aos conhecimentos pedagógicos, sociológicos, históricos, psicológicos, culturais, políticos, artísticos, práticos e tecnológicos. Segundo Larrosa (2016), a formação está inserida em diferentes contextos e sentidos, mas que sobretudo tem como consequência a transformação do ser humano.

A formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixar influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova e desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém. (LARROSA, 2016, p. 53).

Partindo desse pressuposto podemos afirmar que ao sermos formadas pela FFP/UERJ fomos afetadas em nosso modo de sentir, refletir, inventar, inovar, descobrir, agir, contribuir e transformar com/pela educação de forma compartilhada com aqueles/as que estão ao nosso redor. No atual momento, somos profissionais que buscamos motivar a tessitura de conhecimento por meio das trocas de saberes, na busca de outros modos possíveis de educar, como salienta Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, (FREIRE, 2022, p. 95). E para tramar com o leitor as cenas das autoras em suas singularidades, iremos trazer nossos caminhos individuais, nossos caminhos se cruzando na FFP, suas bifurcações e reencontros.

Narrativas de uma autora pesquisadora

Iniciaremos com a narrativa de uma autora pesquisadora. Entendemos a abordagem narrativa/autobiográfica como caminho potente na trajetória de formação docente, ao sermos conduzidos por histórias de vidas, criamos narrativas de empatia, com elementos de criação identitária e autorreflexão com as experiências de afetações. Segundo Bragança, “o sujeito ao narrar busca, no presente, a memória do passado em suas representações para reconstruí-la, transformá-la e, assim, progredir, avançar na visão do presente e no projeto de futuro”, (BRAGANÇA, 2014, 142).

Ao se descobrir como pesquisadora, esta autora se percebeu dentro da universidade declarando marcas que estão latentes em sua vida. Toda sua história de vida profissional e acadêmica está pautada sob o tema que começou a pesquisar quando era graduanda, o lúdico. Inclusive, essa ‘*professorapesquisadora*’ conseguiu compreender e compartilhar em materiais acadêmicos sua temática na graduação, mestrado e doutoramento.

Quando estudante de Pedagogia fui bolsista do Projeto de Extensão chamado RUEP (Rede de Universitários em Espaços Populares) que possuía estudantes da UERJ e UFF. Desenvolvi atividades pedagógicas com parcerias na ONG Crescer e Viver localizada na Escola de Samba Porto da Pedra em São Gonçalo entre os anos de 2004 e 2006. Destaco que durante a minha trajetória universitária tive a oportunidade de estudar conteúdos que me auxiliaram a ser

aprovada em concurso público para a carreira de docente na Prefeitura de Maricá em 2007 e na Prefeitura de São Gonçalo em 2008. Após migrar para o currículo novo da graduação e realizar as disciplinas que foram incorporadas ao curso, em 2009 concluí o curso de Pedagogia na FFP/UERJ apresentando a monografia intitulada: A ludicidade como motivação na aprendizagem sob orientação da Professora Doutora Tânia Nhary. Me descobri como uma pesquisadora do universo lúdico infantil associando as práticas pedagógicas para que o ato de lecionar seja mais interativo, prazeroso e atraente tanto para alunos/as quanto para os/as professores/as. No mestrado pela mesma universidade percebi a possibilidade de articular o lúdico com o gênero em práticas educativas em uma escola municipal de São Gonçalo por mediação de *professoras parceiras* da pesquisa. Agora, invisto em contribuir com a formação docente de graduandos/as da Pedagogia na UERJ/FFP e formandos/as do Curso Normal do IECN compartilhando em rodas de conversas discussões a respeito da ludicidade e as questões de gênero, trazendo práticas lúdicas educativas sob orientação da professora Doutora Denize Sepulveda.

A temática gênero associada às questões do universo infantil veio ao meu encontro após conhecer a minha orientadora que coordena o grupo de pesquisa e estudo gêneros, sexualidades e diferenças nos vários espaços e tempos da história e dos cotidianos (GESDI). Sou gonçalense e afirmo que a FFP tem um papel transformador em minha vida, a cada dia aprimorando-me como *professorapesquisadora*, ampliando meus projetos pedagógicos. Atualmente, como docente na rede pública de Niterói exerço a minha função com os conhecimentos pedagógicos adquiridos na FFP e em cursos afins.

Os afetos e seus linguajeiros

A outra narrativa inicia pela desilusão com a academia. Durante algumas décadas uma das autoras atuou em educação popular com projetos sociais envolvendo arte, tecnologias e educação. Esta autora já havia ingressado para universidade pública na década de 1990, num curso de arte que muito desejava. Nascida e moradora numa cidade da Baixada Fluminense, na ocasião, com condições ainda mais precárias em relação ao acesso a equipamentos culturais e incentivos artísticos. Todos os dias deveria percorrer pelo menos 100 km em transportes públicos precarizados, para estudar num curso de arte na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Se manter num curso integral, tendo que trabalhar, cuidar de uma criança pequena e ainda todo o traslado é uma situação típica de pessoas que vivem em municípios da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, que estão distantes do que foi instituído como centro cultural e econômico de relevância, como é o caso da cidade do Rio de Janeiro, por ter sido capital do Brasil, durante a colônia e por seis décadas, na república. São pessoas são alijadas de direitos básicos no exercício pleno de sua cidadania, por estarem nesses municípios que estão distantes do centro urbano,

convencionado central, pela sua referência política de quatro séculos, criando um fosso social, reflexo dos processos colonizadores no país e no estado do Rio de Janeiro. Essa herança colonialista ainda deixa marcas e evidencia cenas de práticas do ensino público de graduação elitizado.

A medida que esta autora foi entrando nos caminhos das artes, processos educativos não formais, criando outros linguajeios (MATURANA, 2002), foi sendo percebido o quanto a arte e as tecnologias poderiam contribuir para formações mais sensíveis, éticas e de uma outra estética possível ao perceber nas pessoas, enquanto estudantes, como um ser integral, cheio de potencialidades.

Ao trabalhar com audiovisual em projetos sociais na Baixada Fluminense, a escola passou a ser uma parceira nesta empreitada. Lançando mão do projeto vídeo-escola, em que uma equipe da qual a autora fazia parte, ia às escolas, criava vídeos a partir de conversas acerca de temáticas inerentes aos estudantes e professores. Estas conversas iam criando uma linguagem própria, dentro daquilo que podemos chamar de coordenadas consensuais de ações, na ideia de Maturana, os linguajeios:

Tenho um cérebro que é capaz de crescer na linguagem, mas a linguagem não se dá no cérebro. A linguagem como fenômeno, como um operar do observador, não ocorre na cabeça nem consiste num conjunto de regras, mas ocorre no espaço de relações e pertence ao âmbito das coordenações de ação, como um modo de fluir nelas. Se minha estrutura muda, muda meu modo de estar em relação com os demais e, portanto, muda meu linguajar. Se muda meu linguajar, muda o espaço do linguajeio. (MATURANA, 2002, p.27).

Conforme esta experiência ia se consolidando em outras experiências de trabalho, era percebido que se deveria pensar na articulação dessas linguagens na educação, de maneiras que pudesse interferir na formação de professores. Daí surgiu a intenção por esta autora, em prestar vestibular para FFP, em São Gonçalo, por ser uma universidade localizada numa região marcada pelos estereótipos em função de sua condição social, cultural e econômica. E desta forma, todo o curso, ao longo dos quatro anos de formação, esta autora trouxe o audiovisual para os trabalhos de formação, para a pesquisa e mesmo na ocasião, em 2007, ainda não ser necessário um trabalho de monografia, a autora realizou uma pesquisa com a colaboração de professoras da FFP, uma delas muito querida, Jaqueline Moraes (*In memoriam*), que confiou no trabalho e colaborou com a evidenciação da pesquisa. Esse trabalho foi uma oficina de audiovisual com estudantes de Pedagogia, Geografia e Letras. Nesta oficina, nos orientamos para trabalhar a transdisciplinaridade e a produção de conhecimento como tessitura em redes. O resultado da pesquisa neste encontro

entre educação e audiovisual, foi um filme produzido coletivamente pelos/as estudantes e participantes da pesquisa, uma roda de conversa da exibição do filme, sendo esta também gravada em vídeo, um artigo que foi apresentado no seminário do Vozes/FFP e UERJ sem muros (2007).

Na ocasião, a intenção era criar o estreitamento de laços, afetos e conteúdos curriculares, sendo apoiado por esse ambiente criativo do audiovisual, que se revela como multidisciplinar, multilinguagens, multimodal. Ainda não havia a força do celular, nosso trabalho era com câmeras mini DVs. Esse trabalho poderia abarcar o desenvolvimento de um laboratório de audiovisual na FFP, como estava se iniciando na FEBF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense) - UERJ campus Duque de Caxias.

O curso de formação de professores ao longo desse período, para esta autora, quebrou com os paradigmas de uma universidade segregadora. Trouxe a esperança de uma formação de professores mais humanizada, com ética e estética sensíveis de uma percepção inclusiva, singular e agregadora, compreendendo a coletividade e a criação de um patrimônio imemorial a partir da valorização social e cultural da comunidade de São Gonçalo. Durante a permanência no curso, esta autora, só desejava poder voltar a este ambiente e colaborar como professora, pesquisadora e artista.

Completada a formação, foi fazer o mestrado na FEBF, em 2008, onde também foi uma experiência única. Cada vez mais convicta da importância da articulação entre a arte, as tecnologias, o audiovisual e a educação, e foi fazer o curso de doutoramento no campus Maracanã. Prestou concurso para professora substituta em 2019 para FFP, atuando até então, colaborando com várias disciplinas ligadas às suas experiências como currículo, artes, informática, tecnologias e pesquisa. E assim, podendo devolver a este ambiente a humanização de um curso de formação de professores, podendo evidenciar a potência de outras estudantes que atualmente se fazem professoras e professores. Tendo como intenção a valorização do lúdico e da arte, da compreensão das tecnologias como artefatos culturais e curriculares que irão favorecer as mediações em processos educacionais de ensino e aprendizagem.

Essa trajetória só foi possível, porque a FFP criou esse ambiente fértil, favorável, com uma equipe de docentes amorosa, que como Maturana, (2002), reconhece o Outro como legítimo outro. Que envolve o curso numa atmosfera de legitimação da experiência dos/as discentes, trazendo para os *'espaçostempos'* da formação, os pensamentos, as práticas articuladas aos conteúdos mais profundos ligados à filosofia, sociologia, biologia, matemática, linguagem, artes, psicologia, a ludicidade, a amorosidades aos gestos de educar na *autopoiesis* (MATURANA, 2002). Essas práticas marcam como tatuagem a cognição afetiva, intelectual e espiritual, e nesse reconhecimento dessa legitimidade, "É preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser,

sem medo de deixar o outro ser” (MATURANA, VARELA, 2003, p. 54). E era nessa liberdade de poder ser, que a FFP formou essa autora, na potência da vontade de permitir que outros possam ser, sem medo. Aliás, um sentimento que a FFP cunha em nossos espíritos é do encorajamento.

Pedagogia do encorajamento

A pedagogia do encorajamento forma professoras e professores autênticas/os, singulares, conectadas à sua comunidade escolar, atentas aos seus grupos de formadores, sua equipe de trabalho, pois outra prática dentro do curso de formação é a valorização do trabalho em equipe, na ideia colaborativa, da cocriação. Ao longo do curso entre 2003-2007, ainda no formato seriado, com professoras e professores talentosos, o curso de Formação de Professores estava à frente de seu tempo, numa intenção política, democrática de participação inclusiva e mediada pelos desejos de seus discentes. Por isso, dá certo, por isso tem experiências de sucesso e de afetos, porque humaniza a experiência.

E aqui não dá para esquecer das relações de afetos entre as estudantes, como este artigo que é gerado por esses afetos. Essas autoras que aqui se encontram, trabalharam juntas ao longo de suas formações, se envolveram em suas histórias de vidas e hoje se encontram em pesquisas como estudantes, doutoranda e pesquisadoras, neste encontro geram novas afectações, outros entrecruzamentos de *'conhecimentossignificações'*, que só é possível pelo ambiente criado pela FFP. As professoras formadas dessa geração, prestaram concurso nos municípios de São Gonçalo, Niterói, Maricá, Itaboraí, Rio de Janeiro, dentre outros, e continuam semeando essa postura e gestos de uma educação emancipatória *'aprendidaensinada'* no ambiente da FFP.

Ao refletirmos acerca do curso de Pedagogia não nos limitamos a adentrar nos aspectos políticos e éticos que convém sob *'tempoespaço'* influenciando no caráter social, mediante sentidos e significados nas relações humanas, numa vertente disciplinar, agindo sobre o conteúdo curricular de cada disciplina; interdisciplinar por percorrer diversas disciplinas no ato de *'ensinaraprender'* numa ação complementar; e com proposta de caráter transdisciplinar por ir além da disciplina. Sendo assim, trazemos Fontoura (1999) para agregar pensamentos respectivos à discussão.

A Pedagogia é fundamentalmente uma prática política e ética, bem como uma construção social e historicamente situada. Não se restringe aos espaços de sala de aula, estando sempre envolvida quando há tentativas deliberadas de influenciar a

produção e a construção de significados ou de entender como as identidades sociais são produzidas intra e inter conjuntos de relações sociais. Além de envolver as práticas de ensino, envolve também um reconhecimento da política cultural que tais práticas sustentam. (FONTOURA, 1999, 118. Apud CHAVES et al, 1999, p. 108).

O processo de formação docente é contínuo e permanente pois requer estar imerso em debates da atualidade e acompanhar as mudanças necessárias ao lecionar. Deste modo, constitui em ser “um processo que inclui pensares e fazeres daqueles que entendem que esta formação está sendo construída em um movimento múltiplo que incorpora diferentes/divergentes posições...” (ALVES, 2001, p.7). Um papel importante na sociedade quando escolhemos ser ‘*professoraspesquisadoras*’ pois inserimos em nossas atribuições o poder de promover a transformação diante de práticas que caracterizam em ambientes escolares à formação de cidadãos/ãs críticos/as em prol da coletividade. Assim como, foi a preocupação dos/as docentes da FFP que contribuíram conosco quando graduandas em Pedagogia.

Para Giroux, o professor pode ser um intelectual transformador, comprometido com o ensino como prática emancipatória, com a criação de escolas como esferas públicas democráticas, com a restauração de valores progressistas compartilhados e com um discurso e uma prática ligados aos ideais da democracia, igualdade e justiça social. nestas ocasiões de trabalho, a ética, e o envolvimento com o processo são condições prioritárias para a promoção da democracia e da melhoria da qualidade de vida humana. Com relação ao papel do professor, diz que é importante enfatizar que os professores devem assumir responsabilidade ativa pelo levantamento de questões sérias acerca do que ensinam, como devem ensinar e quais são as metas mais amplas pelas quais estão lutando” (GIROUX, 1997, p. 161. Apud CHAVES, 1999, p.118).

O magistério constitui uma profissão complexa e fundamental pois faz parte da base da sociedade e compreender as competências e habilidades é preciso para o profissional agir com seus requisitos em qualquer unidade escolar.

Assim, partindo da representação do magistério como profissão complexa, que requer dos professores competências nos planos bio-psico-sociopolítico-pedagógico-cultura e atitudes próprias de um pesquisador, entende-se que a Universidade é *lócus* privilegiado para formar profissionais com tais características. (SILVA, 1999. Apud CHAVES, 1999, p. 49).

Ensino e pesquisa em nossas considerações finais

Após adentrarmos recentemente à FFP, nos deparamos com a nossa função como formadoras em turmas de Pedagogia. Enquanto, uma com várias disciplinas e a outra para desenvolver a pesquisa de doutorado, temos incomum o mesmo objetivo com nossas vertentes, é contribuir na formação de futuros/as docentes que farão parte do quadro de professores/as em diversas instituições escolares.

Entre os anos de 2021-2023, ainda em período de isolamento social, a autora que esteve impregnada da arte e das tecnologias e que hoje está como professora substituta, rabisca outras proposições. Quase vinte anos depois, com advento dos celulares, apps de edição de imagens e sons, provoca seus/suas discentes a mediarem suas aprendizagens por esses artefatos, compreendo os usos (CERTEAU, 2014), empregados por eles e com eles, num processo de cocriação de tecnologias, de linguagens, de conteúdos e de afetos para outras gerações a serem formadas.

Depois de quase duas décadas essas autoras se encontram, colaboram em suas pesquisas com o brincar, com o fazer podcast, com a orientação de outras estudantes e compartilham suas alegrias e seus *'fazeressaberes'* com os cotidianos em sala de aula desde suas práticas com o Ensino Fundamental até as práticas com o ensino na graduação, onde se percebe que não há distinção entre essas práticas, porque elas são atravessadas pelas noções de ética, estética e política na prática pedagógica, para uma educação democrática e emancipadora.

Estamos alinhavando experiências que vivenciamos quando estudantes de Pedagogia, assim como *'professoraspesquisadoras'* que atualmente temos ações afirmativas em prol de contribuir com a formação de futuros/as docentes da graduação em Pedagogia. A FFP/UERJ com 50 anos de existência, vem expressando seu papel de incentivar e promover a formação docente em São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro. A instituição possui destaque acadêmico ao evidenciar as potencialidades daqueles que residem nas regiões do seu entorno e que são responsáveis pela produção econômica, social, cultural e intelectual desses locais, revelando-se como ambiente de produção científica gerada por aqueles que ali residem. Não se trata mais de um objeto de estudo, como outrora, e sim como pesquisadores/as *'praticantespensantes'* de suas realidades, como cientistas que percorrem diferentes caminhos em suas singularidades e coletividades.

Neste sentido, salientamos que a UERJ foi a pioneira no Brasil com a política de cotas, a partir do ano de 2003, passando a destinar vagas de cursos

para grupos sociais que têm exclusão histórica. Sendo assim, dos 45% do total de vagas, 20% para estudantes da rede pública; 20% para negros/as ou indígenas; e 5% para pessoas com deficiência, ou filhos/as de policiais, bombeiros e inspetores/as de segurança em penitenciárias, mortos/as, ou incapacitados/as, devido exercício das atividades profissionais.

As autoras deste artigo presenciaram o acesso e permanência de estudantes na graduação da FFP, percebendo a modificação no vestibular com o intuito da equidade social. Afirmamos a luz das autoras Patrícia Hill Collins e Silma Birge (2020, p.18) que:

Hoje, faculdades e universidades abrigam um número maior de estudantes que, no passado, não tinham condições de pagar pelo ensino superior (questões de classe); ou estudantes que historicamente precisaram lidar barreiras discriminatórias à matrícula (devido a questões de raça, gênero, etnia, autoctonia, estatuto de cidadania) (...)

Portanto, a ação revolucionária da UERJ em seus campus, possibilitou ampliar possibilidades profissionais nas vidas de estudantes, sobretudo a conquista do nível superior que em muitos casos eram as/os primeiras/os a concluírem a graduação na família.

Retornamos a Faculdade de educação e criamos conversas com estudantes em torno de nossas vivências, impulsionando-as/os com pesquisa na educação é um salto de privilégio e gratidão ao ambiente que nos afetou há 20 anos atrás e continua nos afetando com suas práticas lúdicas educativas numa perspectiva qualitativa do processo '*ensinoaprendizado*' entendendo que o ensino e o aprendizado estão indissociáveis.

Compreendendo que as ações pedagógicas, tanto em crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, como em adultos da formação de professores, se faz no protagonismo desta formação, com a criação de seus currículos e dos seus processos '*conhecimentossignificações*', atravessados pela ética, estética e poética como ações políticas para uma educação igualitária, humanizada e amorosa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda (org.), **Formação de professores: pensar e fazer**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho — o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-38.

BARROS, M. **Memórias Inventadas**: A segunda infância. São Paulo: Planeta, 2006.

BRAGANÇA, Inês. Do cofre às narrativas. In: BRAGANÇA, Inês; ARAÚJO, Mairce. (org) **Experiências na formação de professores**: memórias, trajetórias e práticas do Instituto de Educação Clélia Nanci. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2014, p. 130-145.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHAVES, Iduína e et al.(org.) Formação de professores: narrando, refletindo, intervindo. SILVA, Waldeck da. Os institutos superiores de educação e as políticas públicas para a formação dos profissionais da educação no Brasil. Rio de Janeiro: **Intertexto**, 1999, p.45-66.

Collins, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento**. Tradução de Stela Senra. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Cinema 1).

FFP UERJ 40 anos. <https://www.youtube.com/watch?v=TrrhKm4zqkM>. Acesso em 19 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Cortez, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FONTOURA, Helena Amaral da. A formação do professor universitário: considerando proposta de ação. P.107-130. In: CHAVES, Iduína e et al.(org.). **Formação de professores**: narrando, refletindo, intervindo. Rio de Janeiro: Intertexto, 1999.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**. Minas Gerais: Autêntica, 2016.

MATURANA Humberto. **Emoções e Linguagem na educação e na política**. Ed UFMG: Belo Horizonte, 2002.

MATURANA Humberto; VARELA, Francisco J. **A Árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2003.

Submissão em: 02 mai. 2023.

Aceite em: 31 jul. 2023.

ⁱ Noale Toja

Pós-Doutoranda no Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais pela UERJ/FFP. Doutora em Educação e Cotidianos - ProPEd/UERJ. Participante do GRPesq Currículos Cotidianos, Redes Educativas, Imagens e Sons, Coordenado pela Dra. Profa. Nilda Alves. Colabora em projetos de Educomunicação, Arte e Tecnologia.

E-mail ffpuerj.noale@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0478033503516577>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1207-2795>

ⁱⁱ Joana Nély Marques Bispo

Doutoranda em educação no Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais pela UERJ/FFP. Mestre em educação e pedagoga pela mesma universidade. Participante do GESDI (Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Gêneros, Sexualidade e Diferenças nos Vários Espaços e Tempos da História e dos Cotidianos). Professora da rede pública municipal de Niterói, RJ.

E-mail: bisjoana@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6936804170054508>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1051-3611>